Por: João Samuel

**RECENSÃO CRÍTICA DO CONTO “NÓS MATAMOS O
CÃO-TINHOSO”**

1. INTRODUÇÃO/RESUMO

Em 1942 nasceu Luís Bernardo Honwana na cidade de Lourenço Marques, actual Maputo, cresceu no interior do distrito de Moamba, onde seu pai trabalhava como intérprete. Foi para a capital estudar jornalismo aos 17 anos. Seu talento foi descoberto por José Craveirinha e Rui Knopfli, famosos poetas moçambicanos. Em 1964, Honwana filiou-se a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) que tinha como metas a libertação de Moçambique do colonialismo português. Essa aventura política fez com que ele fosse preso em 1964 e permaneceu encarcerado por três anos pelas autoridades coloniais. Em 1970, foi para Portugal estudar Direito na Universidade de Lisboa. Após a Independência de Moçambique, Honwana foi alto funcionário do Governo e presidente da Organização Nacional dos Jornalistas de Moçambique.

Publicou *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* em 1964, pela editora Afrontamento. Em 1969, ainda em pleno colonialismo e com a guerra colonial no auge, a obra é publicada em língua inglesa (com o título de *We Killed Mangy-Dog and Other Stories*) e obtém grande divulgação e reconhecimento internacional, vindo a ser traduzida para vários outros idiomas. A obra de 145 páginas tem sete contos: “Nós Matamos o Cão-Tinhoso” (que dá título ao livro e com cerca de 40 páginas), “Inventário de Imóveis e Jacentes”, “Dina”, “A Velhota”, “Papá, Cobra e Eu”, “As Mãos dos Pretos” e “Nhinguitimo”.

Os contos de Honwana apresentam a descrição velada de uma luta, a narração de um confronto encoberto, de crianças, homens e mulheres contra a repressão e da violência do colonialismo. O conto *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* é de uma potência muito grande, narrado em primeira pessoa por um garoto chamado Ginho, que tem como referência um cachorro chamado por todos de Cão-Tinhoso, de olhos azuis que andava muito doente, causando nojo e desconforto nas pessoas.

2. SÍNTESE

O conto "Nós matamos o Cão-Tinhoso" faz referência ao fim do colonialismo português que durou cerca de quinhentos anos em Moçambique. Na página 15 concluímos que “O Cão-Tinhoso para além de olhos azuis, a pele era velha, corpo sem pelos na totalidade, o pouco pelo era branco ao invés de preto que é normal, tinha feridas e cicatrizes. A pele caracterizava-se por ser preta e cheia de rugas como a pele de um animal aquático e/ou rastejante.

Num certo dia propuseram um veterinário para aniquilar o pobrezinho do cão e por sua vez, o veterinário indicou um grupo de 12 meninos para acabar com a vida do cão. Do grupo dos 12 meninos indicados pelo veterinário, fazia parte o menino Ginho que não concordou com a ideia de executar o cão, apesar de não ter poder de impedir a acção e também não queria ser diferente em relação ao posicionamento dos outros meninos.

Duma forma denotativa, o “Cão-Tinhoso” trata-se do opressor português – o colonizador mor de Moçambique. A morte do mesmo cão é referente à expulsão do mesmo opressor. Os personagens referenciados retratam as camadas sociais envolvidas em tal processo de expulsão do opressor português, como por exemplo, o movimento de guerrilha é representado pelo Diretor da escola, o sistema educacional é representado pela Professora tirana com anseios de mudança, a elite instruída mestiça é representada pelo veterinário que desejava a revolução, mas com medo de conflagrá-la, os meninos-alunos, a juventude cabia o dever de acabar com a opressão (o colonialismo), representado pelo Cão-Tinhoso.

A menina Isaura é retratada como diferente, ou ignorante no seio da população oprimida porque apoiava o colonialismo, que era o alvo a abater por ser a causa da pobreza pela opressão, como pode se atestar em algumas passagens “O Cão-Tinhoso deve já ter visto que os outros cães não querem brincar com ele... Ninguém gosta dele... Eu nunca vi ninguém a passar-lhe a mão pelas costas como se faz com os outros cães...”.

O abate do cão a tiro pelos meninos é apresentado no final do conto, onde o autor expressa a ideia de que a revolução só é possível por via das armas nas mãos dos jovens que outrora foram educados pelo mesmo opressor; isto é, é através da violência que se pode livrar de um regime ditatorial.

O conto revela uma tristeza, porque por um lado não houve pena para derrubar o “Cão-Tinhoso” e por outro lado porque o colonialismo português não teve dom nem piedade para dificultar o desenvolvimento do povo moçambicano.

3. ANÁLISE CRÍTICA/INTERPRETATIVA

O conto “Nós matamos o Cão-Tinhoso” evidencia o triste passado dos moçambicanos provocado pelo jugo colonial (colonização portuguesa), onde o “modus operandi” era a repressão sem precedentes e, neste contexto, o conto surge como um manifesto cultural, protestando veementemente contra esse tiranismo Português. A expansão europeia que começou no séc. XV fez com que os portugueses parassem em Moçambique quando estes rumavam para Índia e desde logo os portugueses se instalaram no país e num primeiro momento exploravam ouro e o mercado de escravo, posteriormente despertaram interesse pela agricultura.

Moçambique sofreu por muitos anos como colónia de exploração de Portugal, onde Portugal dominava de todas as formas, impondo aos nativos até mesmo a sua cultura (moçambicanos assimilados). A dominação forasteira começou a ser retaliada em 1964 com a guerra de libertação Nacional encabeçada pela FRELIMO. Foi neste ano em que fora publicado também a obra “nós matamos o Cão-Tinhoso” pelo escritor Luís Bernardo Honwana, um dos homens que defendiam a independência total e completa de Moçambique e fez da literatura através do seu único livro uma forma de demonstrar insatisfação e a necessidade de uma valorização nacional.

O conto revela a opinião pessoal do escritor em relação a Moçambique, onde recorre à ficção para alcançar à realidade do momento. O desejo de Luís Bernardo Honwana era mudar vários aspectos daquela época em que escreveu o livro, sobretudo dos seus compatriotas, pelo que vai brincando com os personagens do seu conto descrevendo situações para de alguma forma realçar esse desejo de mudança.

A língua do colonizador (o Português) foi usada para escrever o conto, mostrando desde logo a herança e imposição do colonizador. Apesar de se usar a língua portuguesa, os traços da cultura local são utilizados pelo autor inserindo algumas palavras tipicamente moçambicanas, expressões locais não utilizadas na língua oficial, esse uso pode já ser considerado um sentimento nacionalista, uma demonstração de que a colónia

(Moçambique) não está totalmente submetida ao colonizador (Portugal). Nesta senda de ideias, pode-se frisar que é preciso um sentimento nacionalista para que uma nação reconheça sua identidade patriótica, para que possa enxergar mecanismos de libertação.

Há uma demonstração de que a relação entre o colonizador e o colonizado é apenas um laço que precisava ser desfeito, Moçambique precisava de se libertar política e economicamente de Portugal um sentimento de liberdade começa a ser implantado na população que carece de apoio e organização. Outrossim, o conto retrata uma estrutura ambiental moçambicana da época com grandes áreas rurais, essa localização rural é salientada em algumas partes do texto como o fato da escola onde as crianças estudam ter galinhas criadas pelo professor, também, a descrição feita pelo autor é duma estrada cercada de capim em frente à escola onde os outros cães brincavam e o local de execução do Cão-Tinhoso seria numa mata.

O texto também exhibe a figura de administração e certo “status” de posição social hierárquica como no fato do narrador fazer referência à profissão do senhor administrador, uma função exercida por portugueses em plenas terras moçambicanas, alegadamente devido ao nível de escolaridade e eles se considerarem superiores. Mesmo não sendo consensual, o administrador governava a região e todos estavam sujeitos às suas ordens, ademais, ninguém podia ousar em contrariar as suas decisões expressas duma forma absoluta.

4. CONCLUSÃO

O conto “Nós matamos o Cão-Tinhoso” é o primeiro e o mais extenso dos contos incluídos no livro, "Nós Matámos o Cão-Tinhoso". O elo de ligação da narração é um garoto de nacionalidade moçambicana (negro) chamado Ginho que na escola começa a sentir pena do cão, desenvolvendo um sentimento emocional (amor) para com o cão.

A história desencadeia-se em torno de um cão doente e vadio, sem ninguém para cuidá-lo, abandonado e moribundo.

Outrossim, o conto tem um contexto histórico que revela a realidade de Moçambique de décadas atrás. Faz referência às desavenças entre o colonizador e o colonizado, onde a repressão atingiu contornos alarmantes e o oprimido decidiu levantar-se contra o opressor, tendo desencadeado guerra sem precedentes.

O Cão-Tinhoso representa o sistema colonial declinante, em via de ser destruído e o prenúncio de um novo Moçambique, sem discriminação, nem repressão de qualquer tipo, isto é, a narração de um confronto encoberto, de crianças, homens e mulheres contra o peso da repressão e da violência que comportou o clima colonial. Nota-se na linguagem predominante no texto que o autor dá privilégio à Língua do colono, o Português mas sempre enriquecido de aquisições linguísticas moçambicanas.

5. REFERÊNCIAS

Alonso, Cláudia Pazos. “The wind of Change in Nós matámos o cão-tinhoso”. In Ellipsis. Journal of the American Portuguese Studies Association, vol. 5, 67-85, 2007.

Medina, Cremilda de Araújo, in *Sonha Mamana África*, São Paulo: Epopeia: Secretaria do Estado da Cultura, 1987.

Honwana, Luís Bernardo, *Nós matamos o Cão-Tinhoso*, editora Afrontamento, Moçambique, 1964.